



UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA: INOVANDO OS MODELOS DE GESTÃO E DA COMPETITIVIDADE ORGANIZACIONAL

Antonio Sérgio Brejão¹

RESUMO

Com a demanda exponencial por conhecimento e inovação, o cenário atual da educação superior exige uma forma de aprendizado mais eficiente e contextualizada às necessidades do mercado, preparando o discente a tomar decisões mais assertivas. Tal contexto exige um currículo integrado e que a sala de aula seja transformada em laboratório, adequando-a ao caráter dinâmico das organizações, a fim de integrar os conceitos à prática e, assim, preparar os discentes para uma realidade de gestão e dos negócios em que os gestores são cobrados por resultados e por tomadas de decisão, com o fim de tornar as organizações atraentes e mais competitivas. Nestes aspectos, a proposta desta pesquisa é de apresentar a relevância dos métodos de ensino e de aprendizagem dos cursos de gestão e negócios, da inovação na Universidade Empreendedora e do impacto deste modelo como diferencial competitivo para as organizações e para os egressos do ensino superior. Por meio desta pesquisa, buscou-se a conscientização e a avaliação da relevância da implementação de Universidades Empreendedoras para os processos organizacionais, a fim de adequá-las à realidade e permitindo que o discente aplique os conhecimentos aprendidos nas atividades laborais respondendo à uma das indagações discentes: “*como aplico o conceito na prática?*”.

Palavras-chave: Universidade Empreendedora; Gestão; Inovação; Ensino e Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A gestão organizacional moderna permite inserir conceitos e práticas através de metodologias ativas embasadas em estratégias que desde a Primeira Revolução Industrial (final do século XVIII, início do século XIX na Inglaterra), originou a caracterização da industrialização e desde então, vêm passando por aperfeiçoamentos de gestão, de controles e de técnicas de operações, possibilitando a tomada de decisão e customizando as necessidades das organizações. Cronologicamente, a evolução dos novos modelos de gestão depende de estratégias inovadoras sem que estas sejam desvinculadas da história da administração, das escolas clássica e científica, do pensamento sistêmico e da administração estratégica. Importante destacar que a inovação dos modelos de gestão está alicerçada nos ícones/referências da Administração como apresentado no Quadro 1.

¹ Professor dos Cursos de Gestão & Negócios da Universidade São Judas Tadeu – USJT - São Paulo – SP. – Brasil - E-mail: prof.sergiobrejao@uol.com.br

Quadro 1: Ícones da administração clássica, científica, do pensamento sistêmico e estratégica.

Ícones da Administração	Cronologia	Ícones da Administração	Cronologia
Sócrates	470 a.C. - 399 a.C.	Frederick Winslow Taylor	1856 - 1915
Platão	429 a.C. - 347 a.C.	Henry Fayol	1841 - 1925
Aristóteles	384 a.C. - 322 a.C.	Henry Ford	1863 - 1947
Francis Bacon	1561 - 1626	Alfred P. Sloan Jr.	1875 - 1966
Thomas Hobbes	1588 - 1679	Max Weber	1864 - 1920
Jean-Jacques Rousseau	1712 - 1778	Ludwig von Bertalanffy	1901 - 1972
Karl Heinrich Marx	1818 - 1883	George Elton Mayo	1880 - 1949
Adam Smith	1723 - 1790	Abraham Harold Maslow	1908 - 1970
Jeremy Bentham	1748 - 1832	Peter Ferdinand Drucker	1909 - 2005
William Gladstone	1809 - 1898		

Fonte: Costa Neto et al., 2010 (Adaptado)

Como exemplo, destaca-se Henry Ford (criador da produção em massa), Henry Fayol (criador da teoria geral da administração), Frederick W. Taylor (criador dos princípios da administração científica), Abraham Harold Maslow (criador das hierarquias das necessidades humanas), entre outros que transformaram os métodos de gestão estudados e aplicados nas organizações. Vale ressaltar que um ponto importante aos ingressantes nos estudos das áreas de Gestão e Negócios é entender que a função da gestão organizacional engloba todas as áreas de negócios da organização, podendo estas serem públicas ou privadas. É neste sentido que a busca por especialização em uma determinada área se faz necessária. Esta busca depende do domínio do conceito de administração participativa e das abordagens contemporâneas das técnicas de gestão empresarial e com isso, o estudante adquire conhecimentos sistematizados, de modo a desenvolver uma compreensão crítica do pensamento administrativo, contribuindo para a sua evolução como gestor de negócios proporcionando fluxo de trabalho altamente técnico e holístico com objetivo de diferenciação competitiva tanto para o especialista quanto para a organização.

É indispensável que no cenário contemporâneo, o gestor organizacional esteja capacitado e disposto a inovar os métodos de análise conjunturais no contexto local e/ou global. Neste aspecto, novas metodologias de trabalho estão surgindo numa velocidade exponencial como o compartilhamento de informações, novos conceitos e modelos de revolução industrial e a inteligência artificial, entre outras formas de inovação que farão a diferença nas tomadas de decisões e nas estratégias das organizações.

Entende-se que os novos modelos da gestão organizacional deverão estar em consonância com as mudanças setoriais, culturais e geopolíticas. Assim, é fundamental que o gestor possua uma formação estruturada na prática de gestão dos negócios.



Para uma instituição de ensino tornar-se Universidade Empreendedora, ela deve incentivar o engajamento docente no mercado. Tal incentivo passa a ser de extrema relevância, inclusive com uso e aplicação das inovações, bem como de novas práticas de ensino e aprendizagem, capacitando os alunos de forma crítica e analítica e estruturando modelos estratégicos para os negócios proporcionando uma tomada de decisão mais assertiva.

Cabe destacar, ainda, que ao adotar a estratégia da Universidade Empreendedora, as instituições de ensino serão avaliadas como diferencial competitivo pelos ingressantes dos cursos das áreas de gestão e negócios.

METODOLOGIA

Para contemplar o escopo desta pesquisa, foram utilizados o método de pesquisa bibliográfica e contatos com educadores do ensino superior para coleta de informações referentes ao contexto educacional. A pesquisa está alicerçada no embasamento das diretrizes dos conteúdos programáticos de ensino e aprendizagem e também é amparada na literatura.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com a ebulição tecnológica, o aprendizado deve ser contínuo e de dentro para fora, ou seja, da teoria à prática já que cada organização possui procedimentos, processos e métodos de trabalho próprios que farão a diferença na trajetória acadêmica do discente. Uma visão macro com a aplicação de estudos de caso para resolução de problemas é uma ferramenta importante de aprendizado, simulando situações rotineiras da gestão de negócios das organizações. Neste sentido, estudos realizados por Chim-Miki *et al*, (2019 p. 394) salientam a proposta de um espaço de educação criativa para o ensino de Administração, cocriado a partir dos diferentes coletivos (atores) do ambiente acadêmico universitário, gerando uma inovação educativa institucional que proporciona a inovação educativa didática. A função da universidade é preparar as pessoas para o mercado cada vez mais exigente e verificar as possíveis falhas existentes no processo de educação clássico, inovando no processo de educação, e visando-se o mundo atual.

Essa cocriação propõe a associação empresarial e acadêmica como forma de inovação entre as áreas em estudo. Para Pereira *et al*, (2015 p. 131), o Brasil poderá se desenvolver mais e melhor ao mesmo tempo em que se apropria dos avanços da inovação tecnológica, de tal forma que possa romper o paradigma dos países que mais se assemelham com replicadores



de inovações. Para isto, é importante um forte esquema de parceria entre empresas e as instituições de ensino que promovam a pesquisa.

Parcerias entre empresas e universidade estimulam a criatividade e preparam os egressos para a realidade dos negócios. Um exemplo desta dinâmica são os Arranjos Produtivos Locais - APLs que são aglomerações de empresas localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e que mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa (OBAPL, 2011).

Veras (2011 p. 156) enfatiza que a generalização permitirá ao aluno assumir um nível de aprendizado relacionado à decisão e julgamento, o que constitui o mais elevado grau de aprendizado segundo a Taxonomia de Bloom². Estudos da Taxonomia de Bloom remontam à década de 1950, envolvendo dimensões que permitem uma visão completa e profunda do que o estudante efetivamente aprendeu. Bloom e seus pesquisadores elaboraram essa taxonomia para os objetivos do ensino educacional que facilitam correlacionar os processos de avaliação com os conteúdos curriculares. A aplicação dessa metodologia permite ao professor ter maior assertividade na avaliação dos conteúdos ministrados, possibilitando verificar se os diversos níveis de aprendizagem obtidos pelo estudante estão de acordo com os objetivos traçados (NICOLINI *et al*, 2015). De fato, os jovens que estão sendo formados precisam ser preparados não só para as competências básicas (como saber ler e entender), mas também para pensamentos mais abstratos, sistêmicos e críticos, pois é isso que nos diferencia dos robôs (COSTIN, 2019 p.21).

Atualmente, o cenário econômico nacional tem levado os especialistas em gestão empresarial a tratarem os aspectos administrativos como estratégia para tornar as organizações mais competitivas. Neste sentido, surge a necessidade de entrosamento entre a universidade e as organizações para a identificação das responsabilidades de cada *stakeholders* no aperfeiçoamento do ensino superior o que, por consequência, passa pelo

² Taxonomia de Bloom - De acordo com a Professora Amélia Hamze, “como o campo cognitivo é o mais comumente usado, de acordo com a taxonomia dos objetivos educacionais de Bloom, há seis níveis de domínio cognitivo, a saber: conhecimento, que são os processos que solicitam que o aluno reproduza com precisão uma noção que lhe tenha sido transmitida, podendo ser uma fórmula ou teoria, ou mesmo, um procedimento; compreensão, que demanda preparação de uma informação original, explicando-a de outra forma ou antecipando resultados proporcionados pela informação de partida; aplicação, onde o aluno mobiliza um conhecimento geral para uma circunstância nova, específica, real e problemática; análise, que se abaliza por separar uma informação em dados elaborados e constitui relações entre eles, onde se estabelece a taxonomia dos objetivos educacionais; síntese, que representa os procedimentos nos quais o estudante agrupa noções de informação para compor dados novos que terá, basicamente, descrições individuais e características” (Fonte: HAMZE Amélia - Prof.^a FEB/CETEC - ISEB/FISO - Barretos - A taxonomia e os objetivos educacionais. Canal do Educador. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/a-taxonomia-e-os-objetivos-educacionais.htm>.)



processo de desenvolvimento de metodologias inovadoras de ensino e de mudança cultural. Dourmashkin (2012 p. 93) enfatiza que para mudar a educação, precisa-se mudar a cultura administrativa, a cultura dos docentes e a cultura dos alunos.

A inter-relação acadêmico-empresarial pode se transformar em ajuda mútua entre as universidades e os setores produtivos o que gera crescimento para o país. Esta inter-relação pode ser traduzida em um ecossistema de aprendizagem em que o ensino e a prática devem ser indissociáveis, com enfoque na evolução e no engajamento do discente. Destaca-se que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 no que tange do Capítulo III “Da Educação, Da Cultura e Do Desporto” Artigo 207 deixa claro que as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1997). Através de um currículo integrado, os ecossistemas educacional e empresarial possibilitam a aplicabilidade dos conceitos do empreendedorismo, ou seja, da indissociabilidade da aprendizagem, ensino, pesquisa e extensão – nas graduações tecnológicas e de bacharelado, bem como das especializações *lato e stricto sensu* – com sua aplicação nos processos produtivos e gerenciais das organizações. Com isso, as universidades devem propor uma metodologia de ensino e aprendizagem moderna em que o discente é o protagonista da busca pelo conhecimento tornando-o gestor de negócios preparado para solucionar inúmeras situações no que tange a gestão das organizações.

Mariano *et al*, (2011 p. 19) alegam que como consequência da ação de empreender, ou seja, do empreendedorismo de um grande número de pessoas, a sociedade se movimenta mais rapidamente em um processo de geração de riqueza. Uma nação com poucos empreendedores tem uma capacidade muito limitada de produzir bens e serviços para atender às suas necessidades. Observa-se que nestas estratégias há existência de um ecossistema favorável entre as organizações e a universidade. Diversos setores empresariais solicitam ao meio acadêmico apoio para suprir as demandas setoriais a fim de atendê-las com mão de obra qualificada. Por estas demandas, entende-se que pelo aspecto discente, é necessário compreender em qual área atuará o estudante, propondo-se alternativas de tomada de decisão com foco nos anseios organizacionais, o que será possível através de práticas laborais durante a trajetória acadêmica do discente. Além disso, a interdisciplinaridade do ensino permitirá uma visão holística e sistêmica das áreas de gestão e negócios, o que possibilitará ao discente decidir qual será sua área de especialização profissional e de continuidade nos estudos de *lato e stricto sensu*. Neste sentido, insere-se a necessidade das universidades tornarem-se empreendedoras.



A proposta desta pesquisa “Universidade Empreendedora: inovando os modelos de gestão e da competitividade organizacional” está em consonância com as demandas do mercado e com a vocação dos ingressantes dos cursos de gestão e negócios. Somando-se a estes aspectos, Samoilovich (2012 p. 21) ressalta que é necessário criar diferenciais competitivos permanentemente, inovar o processo de ensino e aprendizado para desenvolver as competências requeridas pelo mercado de trabalho, captar e manter os melhores talentos disponíveis, além de absorver mudanças tecnológicas.

Entende-se que uma Universidade Empreendedora depende de atividades internas e externas à universidade de modo a engajar e estimular a aderência dos discentes e docentes aos projetos como meios de formar líderes empresariais. Chiavenato (2014 p. 89) alega que a administração em um contexto globalizado, dinâmico e competitivo leva o administrador hoje em dia a estar perfeitamente informado a respeito das forças e das variáveis que influenciam decisivamente como: a globalização e a competitividade, o desenvolvimento tecnológico e da informação, a sustentabilidade, a ética e responsabilidade social. A adoção do ensino e aprendizagem através de um currículo integrado e com a prática de metodologias ativas será um diferencial para uma Universidade Empreendedora. Para Coelho (2008 p. 219), mesmo no ambiente acadêmico ou no de consultoria, as pesquisas e novas metodologias aplicadas são bem recentes, o que significa dizer que um processo de aprendizado está em curso. Entende-se, portanto, que o novo processo de ensino deve transpor as barreiras físicas da sala de aula permitindo com que a inovação esteja ao alcance de toda a comunidade. Daros (2018), explica que formar profissionais capazes de trabalhar em grupos, resolver problemas de forma criativa, crítica e reflexiva, apropriar-se dos conhecimentos necessários e desenvolver a autonomia intelectual são alguns dos desafios da Educação Superior e que metodologias inovadoras já estão à disposição como pode ser observado no Quadro 2:

Quadro 2: Metodologias inovadoras disponíveis

Aprendizagem Baseada em Problemas
Aprendizagem Baseada em Projetos
Aprendizagem Baseada em Equipes
Design thinking
Educação *Maker*
Ensino Híbrido
Ensino Personalizado
Educação Baseada em Competências
Gamificação
Instrução por Pares
Metodologia *STEM*
Storytelling
Visual Thinking

Fonte: DAROS, 2018 (Adaptado)



Neste aspecto, a avaliação da Universidade Empreendedora pode contribuir ou mesmo conciliar o aumento de produtividade do país com o desenvolvimento tecnológico, pois devido à velocidade das inovações, se faz necessária a visão sistêmica dos processos e uma produtividade mais eficiente, bem como a proposição de soluções para gerenciamento desta velocidade e de seus impactos na sociedade, resolvendo-se, assim, a inter-relação “Inovação *versus* Desenvolvimento *versus* Gestão *versus* Competitividade”.

Cabe aqui destacar que as áreas de Gestão têm se expandido e que continuam concentrando a maioria dos ingressantes da educação superior no país (INEP, 2017). Neste contexto, o Índice de Universidades Empreendedoras elaborado pela Confederação Brasileira de Empresas Juniores³ define que as instituições de ensino superior buscam um diferencial competitivo, ressaltando aqui o estudo elaborado em 2019 referente ao *ranking* de Universidades Empreendedoras. A mesma instituição destaca que para a construção da arquitetura do *ranking* em 2016, uma pesquisa de percepção sobre as características que mais contribuem para uma universidade ser mais empreendedora foi respondida por mais de 4.000 estudantes. Com base nestas opiniões, definiram que a Universidade Empreendedora é a comunidade acadêmica, inserida em um ecossistema favorável, que desenvolve a sociedade por meio de práticas inovadoras. E que as instituições são compostas especialmente por pessoas que a elas se integram. A Universidade Empreendedora é medida por meio de sua cultura empreendedora. Um ecossistema favorável significa: infraestrutura adequada, capital financeiro e internacionalização de boas práticas e projetos. Dessa forma, a Universidade Empreendedora tem como principal cliente a sociedade, sendo também a função da Universidade Empreendedora sair dos seus muros e aplicar os conhecimentos adquiridos em prol desta sociedade, impactando-a por meio de práticas inovadoras, por meio do conhecimento ali produzido, aqui mensurado pela extensão e inovação. A partir desta visão, desdobrando o conceito de ecossistema empreendedor e utilizando das opiniões dos estudantes consultados, chegou-se à arquitetura dispostas nas Figuras 1 e 2.

³ Confederação Brasileira de Empresas Juniores. Disponível em: <https://brasiljunior.org.br/conheca-o-mej>



Figura 1: *Framework*: Universidade Empreendedora (2016)
Fonte: Brasil Júnior - Confederação Brasileira de Empresas Juniores (2019)

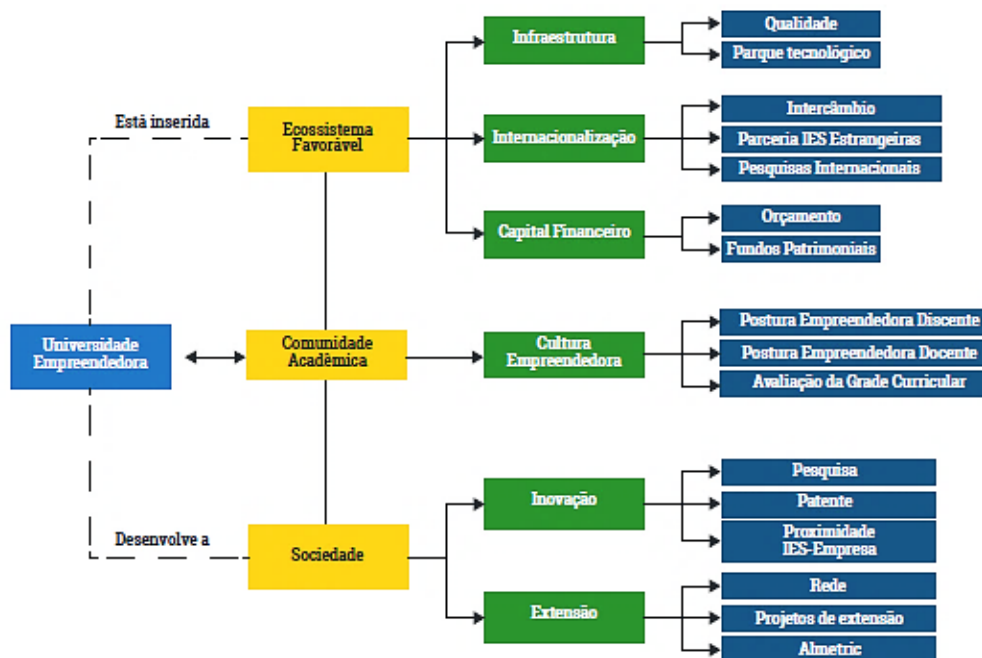


Figura 2: Estrutura Final do *Ranking* de Universidades Empreendedoras
Fonte: Brasil Júnior - Confederação Brasileira de Empresas Juniores (2019)

DISCUSSÃO

Como proposta para Universidade Empreendedora entende-se que a demanda por conhecimento e inovação transforma-se exponencialmente e as organizações buscam profissionais que estejam engajados nestas metodologias de trabalho sem deixar de lado as questões do relacionamento interpessoal no ambiente corporativo e fora dele. A inserção do discente à prática da pesquisa e extensão deve estar em consonância com as diretrizes de aprendizagem não só do plano pedagógico, mas também das demandas de mercado. Por outro



lado, esta simbiose será fundamental para garantir o aumento da competitividade nos negócios.

O futuro gestor deverá, de forma sistêmica, corroborar e compreender os sistemas organizacionais e ser capaz de identificar as estruturas que a compõe a fim de que as decisões sejam estratégicas e compartilhadas, respeitando o grau de confidencialidade das informações e das decisões. Para saber como trilhar uma trajetória de sucesso e, mais do que isso, conseguir enfrentar todas as transformações que certamente estarão presentes, dois itens (que estão intimamente ligados) são fundamentais: planejamento e autoconhecimento (BLOCH, 2019). Como fator preponderante, é necessário integrar as organizações e o entorno aos núcleos de pesquisa e extensão das universidades, tornando-as referência em inovação acadêmico-empresarial. Entende-se que para alcançar um diferencial competitivo as universidades dependem de como esse diferencial impacta na sociedade e na decisão do ingressante dos cursos de gestão e negócios. Na Figura 3, sugere-se a intersecção, com elos da aprendizagem moderna, do ensino e da aprendizagem de dentro para fora de modo a conectar os “atores” para o sucesso de uma Universidade Empreendedora e para a formação de profissionais diferenciados. Para que esta intersecção atenda a tais necessidades, se faz necessário cumprir os objetivos destacados no Quadro 3. Para implementar os objetivos operacionalmente, a aplicação das teorias e das práticas ocorrerá com total apoio pedagógico. Isso se dará através das parcerias com organizações do entorno das universidades, bem como por meio de parcerias com órgãos de fomento à pesquisa e outras entidades. A finalidade é gerar competitividade, simbiose entre os *stakeholders* e o empreendedorismo acadêmico-empresarial. Esta simbiose viabilizará tal proposta que, após formalização de parceria acadêmico-empresarial proporcionará estudos de campo com descrição simplificada do setor sob estudo e dos fluxos de operações das organizações. Durante o período da pesquisa/extensão, o discente, juntamente com o professor orientador, prestará de modo orientativo a descrição dos pontos críticos dos setores da organização através de coleta, tabulação, análise, tratamento e interpretação de dados. Com isso, estimular-se-á a criação de novos modelos de trabalho traduzindo-os em produtos, processos e/ou serviços que, por consequência, poderão migrar para um programa de *startup*, de abertura patentária e de produção acadêmica.



Quadro 3: Objetivos básicos para uma Universidade Empreendedora

Parcerias: Acadêmico-Empresarial, Setorial e de Fomento às pesquisas
 Projetos de monitoria e orientação como iniciação científica
 Engajar alunos no contexto empresarial
 Engajar empresas do entorno das universidades
 Engajar a comunidade do entorno
 Engajar grupos de pesquisa das universidades
 Projetos de extensão que viabilizem a prática
 Propiciar aos alunos uma visão sistêmica para tomada de decisão
 Inovar os métodos de aprendizado dos discentes
 Produção de artigos acadêmicos para melhor compreensão dos resultados
 Tornar o Núcleo de Pesquisa referência no meio acadêmico-empresarial
 Inserir o Núcleo de Pesquisa no Índice de Universidades Empreendedoras

Fonte: Autoria própria

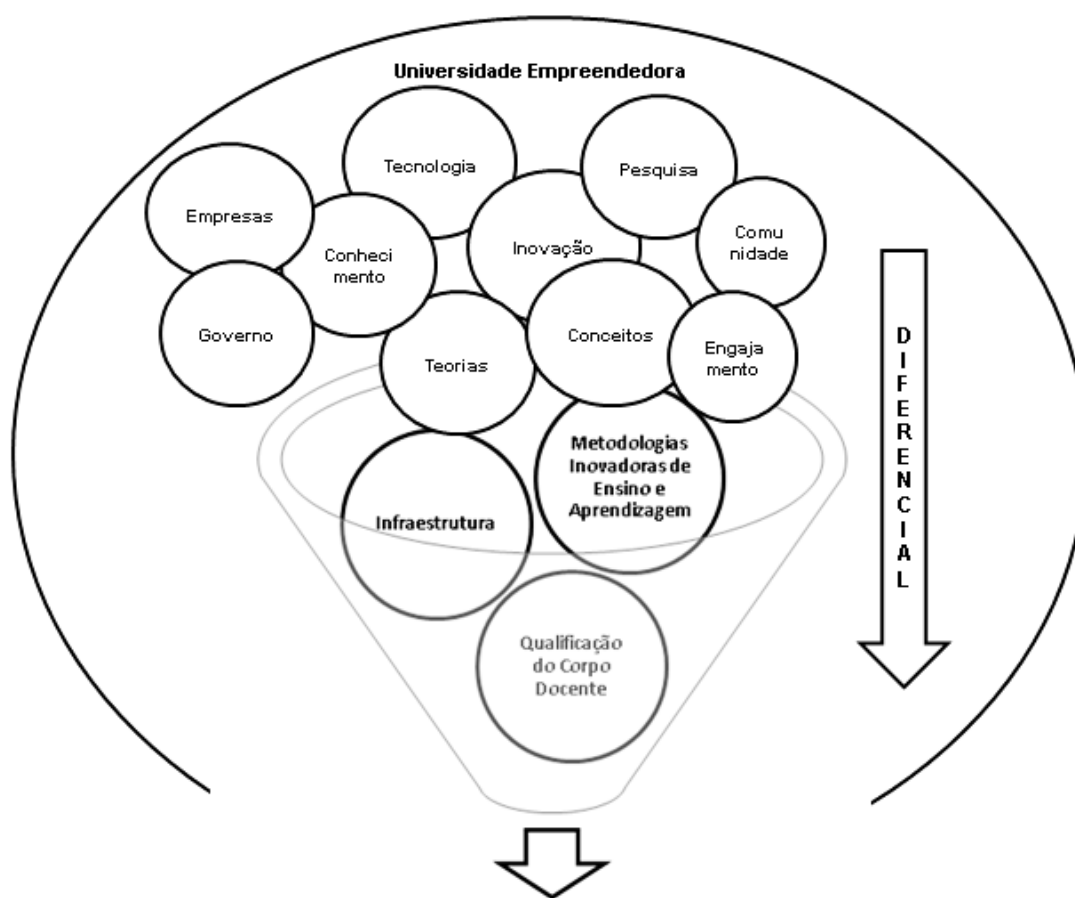


Figura 3: Elos da Aprendizagem Moderna
Fonte: Autoria própria

Na Figura 3 os elos ilustram a interação e integração entre os diversos elementos que compõem a estrutura proposta e como estas corroboram com a questão da aprendizagem, sendo esta parte integrante na construção de uma sociedade voltada às novas tecnologias bem como aos ambientes corporativos das organizações com perfil e visão inovadores.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que para atender às demandas organizacionais e tecnológicas o Administrador/Gestor Organizacional deve exercer uma posição estratégica. O gestor moderno deverá colocar em prática suas habilidades e competências adquiridas ao longo de sua vida acadêmica, inerentes à área gerenciada. Entende-se por habilidades e competências os requisitos que o gestor deverá possuir com a certeza de avaliar todos os processos administrativos e de negócios das organizações. Sistemáticamente esta análise deve abranger o planejamento estratégico, tático e operacional, a estrutura organizacional e das teorias dos modelos de gestão, do perfil de liderança, dos processos e estruturas de uma organização visando-se manter a qualidade e a sustentabilidade de uma empresa, identificar a inter-relação e a interdependência entre os diferentes segmentos e áreas organizacionais. Vale ressaltar que de acordo com Cardoso (2019), Presidente do Conselho Regional de Administração de São Paulo - CRASP, no Editorial da Revista Administrador Profissional – CRASP “Nenhuma profissão oferece tantas possibilidades quanto a Administração – o rol de atuação de um administrador passa por quase todos os setores de uma empresa, independente de seu porte ou ramo de atuação. *Marketing*, finanças, logística, administração pública, terceiro setor, tecnologia, recursos humanos, entre tantas outras áreas, são campos ideais para o profissional de Administração e traçar uma carreira dentro de um segmento em específico não significa permanecer nele para sempre”. Por meio desta pesquisa, buscou-se a conscientização e a avaliação da relevância da implementação de Universidades Empreendedoras para os processos organizacionais, a fim de adequá-las à realidade e permitindo que o discente aplique os conhecimentos aprendidos nas atividades laborais. Pretendeu-se responder à uma das indagações discentes: “*como aplico o conceito na prática?*”.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Vicky. Qual o caminho certo a seguir?. **Revista Administrador Profissional - ADM PRO** – Especial Carreiras – Conselho Regional de Administração de São Paulo – pág. 19 – Ano 42 - nº 388 – maio/junho, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. – 16. Ed., atual e ampl. – São Paulo: Saraiva, 1997.

CARDOSO, Roberto Carvalho. Nenhuma profissão oferece tantas possibilidades quanto a Administração - **Revista Administrador Profissional - ADM PRO** – Editorial – Conselho Regional de Administração de São Paulo – pág. 3 – Ano 42 - nº 388 – maio/junho, 2019.



CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos novos tempos: os novos horizontes em administração.** – 3. ed. – Barueri, SP: Manole, 2014.

CHIM-MIKI, Adriana Fumi; CAMPOS, Danieli Barbosa; MELO, Lucia Silva Albuquerque de. **Definindo espaços de educação criativa no ensino superior de administração através de mecanismos de cocriação de valor.** Administração: Ensino e Pesquisa - Rio de Janeiro – v. 20 nº 2 - pág. 362 – 401 maio-agosto, 2019.

COELHO, Rodrigo B. Marques. **Financiamento para a Inovação.** – Gestão integrada da inovação: estratégia, organização e desenvolvimento de produtos. Organizadores: Eliza Coral; André Ogliari, Aline França de Abreu. – São Paulo: Atlas, 2008.

Confederação Brasileira de Empresas Juniores - Coord. Geral Lucas Gabriel R. Martins. - Brasil Júnior **Ranking de Universidades Empreendedoras São Paulo 2019.** Disponível em: <https://universidadesempreendedoras.org/wp-content/uploads/2019/10/ranking-2019.pdf> Acesso em 22 ago. 2020.

Confederação Brasileira de Empresas Juniores. - Brasil Júnior - **O índice de Universidades Empreendedoras. São Paulo. 2016.** Coord. Daniel Pimentel Neves – Brasil Júnior e Guilherme de Rosso Manços – Rede CsF. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17112016-Livro-Universidades-Empreendedoras.pdf> Acesso em 22 ago. 2020.

COSTA NETO, Pedro L. de Oliveira; CANUTO, Simone A. **Administração com qualidade: conhecimentos necessários para a gestão moderna.** pág. 5 a 17. - São Paulo: Blucher, 2010.

COSTIN, Claudia. Educação antes de tudo. **Revista Administrador Profissional - ADM PRO** – Era da Reaprendizagem – Conselho Regional de Administração de São Paulo – pág. 21 – Ano 42 - nº 389 – jul./ago., 2019.

DAROS, Thuinie. **Glossário: as metodologias inovadoras para a educação superior.** Publicação em 23/07/2018 Portal Desafios da Educação - Metodologias de Ensino Opinião. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.com.br/metodologias-inovadoras-para-educacao-superior/> Acesso em 29 ago. 2019.

DOURMASHKIN, Peter. **Mudar a Cultura para Mudar a Educação.** – Liderança e educação – Formação de líderes na dinâmica do ensino superior. Organização: Fábio Garcia dos Reis. - 136 p. São Paulo: Editora de Cultura, 2012.

HAMZE Amélia - FEB/CETEC - ISEB/FISO-Barretos - **A Taxonomia e os Objetivos Educacionais.** Canal do Educador. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/a-taxonomia-e-os-objetivos-educacionais.htm> Acesso em 28 ago. 2019.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior.** Número de Ingressos em Cursos de Graduação, por Grau Acadêmico - Notas Estatísticas, 2017.

MARIANO, Sandra Regina Holanda; MAYER, Verônica Feder. **Empreendedorismo: fundamentos e técnicas para criatividade.** - Rio de Janeiro: LTC, 2011.



NICOLINI, Alexandre Mendes; SILVA, Josué José da; ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de. 1. Avaliação educacional 2. Desenvolvimento cognitivo 3. Ensino superior – Avaliação – Brasil 4. Taxonomia 5. Universidades e faculdades – Avaliação – Brasil I. - **Padrão ENADE:** análise, reflexões e proposições à luz da Taxonomia de Bloom / organizadores Alexandre Mendes Nicolini, Rui Otávio Bernardes de Andrade. – São Paulo: Atlas, 2015.

OBAPL - Observatório Brasileiro de Arranjos Produtivos Locais - **APLs, o que são!?** - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC, 2011.

PEREIRA, Raquel da Silva; FRANCO, Ivaldo Donizeti; SANTOS, Isabel Cristina dos; VIEIRA, Almir Martins. Ensino de inovação na formação do administrador brasileiro: contribuições para gestores de curso. **Administração:** Ensino e Pesquisa - Rio de Janeiro - v.16 n°1 pág. 101–139 - jan.fev.mar., 2015.

SAMOILOVICH, Daniel. **Universidades Empreendedoras em Ambiente Global.** – Liderança e educação – Formação de líderes na dinâmica do ensino superior. Organização: Fábio Garcia dos Reis. - 136 p. São Paulo: Editora de Cultura, 2012.

VERAS, Marcelo (Org.). **Inovação e métodos de ensino para nativos digitais.** São Paulo: Atlas, 2011.